

Miscelânea: reflexões sobre o desenvolvimento capitalista e seu desenlace neoliberal no pensamento social

Miscellaneous: reflections on capitalist development and its neoliberal outcome in social thought

Plácido Garcia

Doutorando em Ciências Jurídicas IESLA - Brasil

ileadih@gmail.com

| 20

RESUMO

O presente ensaio tem o espírito de refletir criticamente sobre o modo de produção capitalista e algumas das suas manifestações ao longo da história. Trata-se de um exercício pedagógico que visa demonstrar a apreensão das transformações que definem o modo de pensar do ser humano hoje no capitalismo, pelo tanto são apresentadas ideias resultantes de discussões coletivas, organizadas mais ou menos de forma cronológica e respaldadas por construções teóricas da tradição crítica. É bastante provável que tenham sido deixados por fora alguns tópicos e acontecimentos históricos, mas, o esforço da proposta teve foco em sinalizar contradições inerentes ao capitalismo ao longo do seu desenvolvimento e mostrar o seu desenlace no estágio recente do neoliberalismo.

Palavras-chave: neoliberalismo; capitalismo; pensamento social; ideologia.

ABSTRACT

This essay has the spirit of critically reflecting on the capitalist mode of production and some of its manifestations throughout history. It is a pedagogical exercise that aims to demonstrate the apprehension of the transformations that define the way of thinking of the human being today in capitalism, therefore, ideas resulting from collective discussions, organized more or less chronologically and supported by theoretical constructions of the critical tradition. It is quite likely that some topics and historical events were left out, but the proposal's effort focused on signaling contradictions inherent to capitalism throughout its development and showing its outcome in the recent stage of neoliberalism.

Keywords: neoliberalism; capitalism; social thinking; ideology.

1- Introdução

No “senso comum” e até em algumas historiografias de cunho positivista-liberal, o processo de desenvolvimento e expansão-consolidação do capitalismo como modo de produção aparece como um resultado harmônico, natural e aparentemente não conflitivo. Isto, normalmente, é reflexo do entendimento da sociedade a partir do indivíduo e suas escolhas (o chamado “individualismo metodológico”) perdendo a perspectiva da totalidade do sistema e a complexa interação das diversas esferas políticas, económicas e sociais.

O presente ensaio tem o espírito de refletir criticamente sobre o modo de produção capitalista e algumas das suas manifestações ao longo da história. Trata-se de um exercício pedagógico que visa demonstrar a apreensão das transformações que definem o modo de pensar do ser humano hoje no capitalismo, pelo tanto são apresentadas ideias resultantes de discussões coletivas, organizadas mais ou menos de forma cronológica e respaldadas por construções teóricas da tradição crítica. É bastante provável que tenham sido deixados por fora alguns tópicos e acontecimentos históricos, mas, o

esforço da proposta teve foco em sinalizar contradições inerentes ao capitalismo ao longo do seu desenvolvimento e mostrar o seu desenlace no estágio recente do neoliberalismo.

2- Breves considerações sobre o Capitalismo, sua gênese e evolução até o neoliberalismo

O desgaste da forma “feudal” de produzir a vida material abriu espaço para importantes transformações que definiram o rumo e advento do nascente capitalismo. Se bem é relativamente um “consenso” o fato de considerar a “Revolução Industrial” como marco fundamental da transição da humanidade para uma “economia de mercado”, não podemos deixar de lado elementos como as grandes navegações e a formação do poderio mercantil e comercial das nações mediante o colonialismo. Longe do romance que muitas vezes é pregado pelas doutrinas liberais, que enfatizam os ciclos virtuosos de inovação, a liberdade e as ações de indivíduos empreendedores, existe uma outra narrativa crítica.

| 21

Por um lado, podemos tomar como ponto de partida a descrição de um processo turbulento, principalmente na Europa, bem colocado pelo Marx como “a acumulação primitiva do capital”. O capitalismo tem um traço fundamental que determina sua estrutura de classes e suas próprias contradições intrínsecas, basicamente, trata-se da propriedade sobre os meios de produção. No processo de acumulação primitiva de capital, ocorrido principalmente na Inglaterra do Século XVI, houve uma clara separação (violenta) dos produtores (servos e camponeses) dos meios de produção, e, no caso dos senhores feudais, uma separação da terra. É claro que, além disto, outras ações como conquista, pirataria e roubo formam parte do processo originário de acumulação.

Esse processo não teria sido possível sem a presença de uma forma de Estado moderno, consolidado e com alta capacidade de organização e controle da violência territorial. Mediante o uso da força, o Estado garante as condições para que exista uma marcada divisão entre proprietários e não proprietários dos meios de produção, resultando na emergência de uma grande camada de pessoas condicionadas a venderem sua força de trabalho como a única forma para reproduzir sua vida material. Não é propósito do ensaio apontar especificidades sobre o processo e gênese do capitalismo, mas apontar que por trás de toda a narrativa positiva de progresso existe uma história marcada pela constante disputa violenta entre atores e grupos com interesses específicos pela dominação ou controle dos meios e fins do rumo da vida material humana.

Numa perspectiva mais ampla e sistêmica, Arrighi (1996) procura mostrar como no mundo foi se constituindo um sistema marcado pela competição interestatal. Trata-se de um sistema anárquico (apesar da falsa narrativa de paz perpétua de inspiração kantiana que muitas vezes é pregada com a ordem westfaliana ocidental), de caráter expansivo e com a formação de estruturas políticas dotadas de capacidades organizacionais capazes de controlar o meio social e político no qual

se realiza a acumulação de capital¹. Segundo esta visão da perspectiva “Sistema Mundo” (bastante fundamentada historicamente), o Estado nacional tem um papel determinante no processo de expansão da acumulação capitalista internacional, e sua função histórica não seria neutra ou apenas relegada a funções relacionadas com a justiça ou preservação da ordem jurídica como a tradição smithiana sugere.

Falar do capitalismo, de forma crítica, implica reconhecer que tal categoria muda conforme ao tempo (embora as determinações essenciais prevaleçam). Ainda na linha do Arrighi, é importante salientar que existe uma hierarquia no sistema de concorrência interestatal capitalista. Historicamente podemos observar como determinados países estiveram no “topo” da hierarquia, dominando e universalizando seus interesses particulares para a consecução do fim máximo que é o controle sobre meios e fins da acumulação de capital. Isto pode ser considerado um retrato dos chamados “ciclos de acumulação” nos quais um país torna-se o “*hegemon*”² exercendo seu poderio (no sentido Gramsciano). Para dar um melhor direcionamento, avançaremos nos comentários sobre alguns “estágios” do modo de produção capitalista³.

| 22

No marco das Revoluções Industriais no final do século XVIII e meados do século XIX, sobre a liderança inglesa⁴, temos a emergência do capitalismo industrialista. O trabalho “livre”⁵ e as ideias do *laissez-faire* ganham espaço na retórica política e econômica do momento. Normalmente é neste período que são alabadas as primeiras grandes invenções do capitalismo. No entanto, quando olhamos a historiografia crítica⁶ podemos ver que o período é marcado por uma enorme desigualdade, trabalho infantil e altíssimas taxas de exploração (BEAUD, 1987). No entanto, são gestadas as promessas de um mundo melhor, que, fundado na livre concorrência e na “não intervenção” do Estado nos assuntos econômicos, a humanidade terá (“no longo prazo”) os frutos decorrentes da divisão do trabalho e dos ganhos em produtividade. Tais promessas são chamadas da “utopia liberal” pelo Beaud (1987, p. 131). É importante destacar que, nesta dinâmica, emergiram importantes lutas operárias inglesas⁷.

¹ A luta se dá pelo controle do capital excedente ou capital circulante, e a evidência histórica levantada pela teoria do sistema mundo remonta aos primeiros banqueiros e o controle das finanças, com maior presença nos Reinos que conformavam o que hoje conhecemos como Itália.

² O sentido de hegemonia se refere à capacidade de um Estado de liderar, mais que dominar, o sistema político e econômico mundial formado pelos Estados soberanos e suas economias nacionais. O plano da hegemonia se expande até as diversas esferas da vida social.

³ A discussão sobre os estágios do capitalismo é extensa e varia a depender da tradição historiográfica. Em nosso caso vamos considerar como ponto de partida as Revoluções industriais, é claro que valeria a pena discutir sobre colonialismo e a fase mercantil do capitalismo. O recorte é uma escolha metódica.

⁴ A liderança inglesa está relacionada ao triunfo das ideias liberais e o pioneirismo industrial e financeiro fruto da grande expansão do Reino Unido.

⁵ Principalmente com a abolição da escravidão em 1833 pelo parlamento inglês.

⁶ Outra evidência interessante que retrata a decadência é a pausa de Engels. Basicamente uma defasagem entre aumentos na produtividade real da economia e aumentos no salário real, aumentando as taxas de exploração e prejudicando à classe trabalhadora.

⁷ Só para citar um exemplo podemos colocar o “Luddismo” inglês que fazia forte contestação à implementação do capital constante em detrimento de trabalhadores na nascente economia industrial.

Uma grande crise marca a trajetória desta primeira etapa do capitalismo, trata-se da “Primeira Grande Depressão” de 1873⁸. Como bem coloca Harvey (2004) no final do século XIX emerge o imperialismo como solução à crise decorrente do excedente de capital nos principais países da Europa. É importante ressaltar que, por um lado a Inglaterra começa a perder lentamente seu papel como país hegemônico, e ao mesmo tempo há incentivos para a retomada do protecionismo. A começo do século XX, no meio da “bela época”, os EUA lançam a política do Big Stick em 1901, onde sua pretensão imperial de assumir a liderança e domínio sobre os países do continente americano fica bastante clara.

| 23

Diante da ascensão americana, os padrões do capitalismo fordista dominam a esfera da produção levando a níveis de produtividade nunca antes vistos na história da humanidade. De igual forma as massas de trabalhadores industriais, e conseqüentemente o consumo massivo, impregnam a forma de fazer a vida econômica e social, com muita força Estados Unidos. A “Grande Depressão” de 1929 e as duas Grandes Guerras Mundiais, parecem ser o maior reflexo das contradições internas do capitalismo. A primeira colocou em xeque todos os postulados que fundamentavam o sistema de *laissez-faire*, começando pela própria “Lei de Say”. As Guerras, por outro lado, derrubaram os mitos de paz perpétua e mostraram uma vez mais a necessidade de Estados nacionais atuando sobre a economia para poder atingir o “pleno emprego”.

Instabilidade, crises de superprodução e desemprego estrutural, são traços característicos do capitalismo que precedeu às Grandes Guerras. Diante isto, não podemos deixar de mencionar o surgimento de movimentos insurgentes, como a Revolução de Zapata no México, em 1910, e a própria Revolução Russa de 1917 que questionaram notavelmente o *status quo* do momento histórico. A essência da crise estrutural radica no fato de que, dada a crescente monopolização nos países centrais, surge uma contradição entre produção e consumo, engendrando a superabundância de capital. Este quadro propiciaria a disputa pela redivisão internacional do mercado mundial, em virtude da necessidade de exportar o capital excedente para países da periferia, assim como, de controlar seus mercados e fontes de matéria-prima.

O fim da Segunda Guerra Mundial marca o início de uma nova configuração global da economia e do sistema internacional. Com os EUA já consolidados como potência dominante do capitalismo (HARVEY, 2004, p.49), podemos dizer que o período se caracteriza pelo “desenvolvimentismo”⁹, aparecendo, pela primeira vez na história, o termo “subdesenvolvimento”,

⁸ Conhecida pela historiografia como a primeira grande crise, Essa crise gerou um descompasso entre a superprodução de mercadorias nas indústrias e uma população de trabalhadores sem poder aquisitivo para consumir essas mercadorias (decorrente do aumento do desemprego entre os trabalhadores e da redução dos seus salários).

⁹ Neste período, usaremos a concepção historiográfica da “idade de ouro ou anos dourados” do capitalismo. Referido ao boom econômico em meados do século XX, que ocorreu principalmente em países ocidentais após o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e durou até início dos 70’ s.

durante a Doutrina Truman, em 1947. Entretanto, também é o período de independência das colônias imperialistas, o acordo de Bretton Woods e o estabelecimento do padrão dólar-ouro – bem como, depois em 1971, conforma-se seu rompimento e a ascensão norte-americana como manipuladora das taxas de juros com relação às outras moedas (padrão dólar-flexível). Um fato importante que deve ser considerado de este período é que a estratégia de dominação do *hegemon* conseguiu a través dos meios de comunicação em massa e os avanços tecnológicos, influenciar culturalmente seus domínios, estabelecendo uma forma de vida sustentada no consumo de massas (“*the american way of life*”).

No entanto, é importante destacar eventos como a as Revoluções Cubana (1959) e Chinesa (1949) e a própria consolidação da URSS como potência mundial. Os sindicatos cresceram fortemente neste período de expansão pós-guerra e o Estado passou a tomar um papel principal na política econômica mundial. Este período é conhecido na literatura como a “Idade de ouro do Capitalismo”. Como ilustra Gilpin (2002), o mundo passou de um *laissez-faire* para uma espécie de liberalismo “embutido” onde os governos poderiam estimular o crescimento econômico através de políticas keynesianas sem afetar a estabilidade internacional. A isto adicionamos que, na procura por consolidar a hegemonia, os EUA confrontaram diretamente as diversas iniciativas “comunistas” presentes no mundo, como a própria disputa bélica contra o Vietnã. Os custos da Guerra Fria e a insustentabilidade do gasto militar, além da exportação abundante de capital fictício, marcaram o desgaste da estatura imperial estadunidense (HARVEY, 2004). É precisamente neste ponto, que poderíamos dizer, materializou-se com a crise do petróleo em 1973, o aparecimento de sinais epidérmicos da fratura da hegemonia *yankee*.

| 24

A morte do Sistema de Bretton Woods, a ameaça crescente das pressões inflacionárias -o que para Gilpin (2002) acabou ferindo o papel estadunidense como líder e estabilizador do sistema internacional- e a decisão unilateral dos Estados Unidos de adotar um novo padrão de câmbio internacional, configuram essa nova fase do capitalismo mundial. A estagflação tornou-se o sintoma da doença da economia global e o novo terreno fértil para o ressurgimento de velhas receitas de política econômica. Mas sobretudo, este ponto da história nos leva para o nascimento do novo credo econômico e seus profetas economistas defuntos, que como já advertiu o Keynes, acabariam influenciando os “homens práticos”. Falamos aqui do neoliberalismo.

3- Considerações sobre o Neoliberalismo:

O desgaste do “liberalismo embutido” e sua dinâmica “desenvolvimentista”, que outrora, permitiu o florescimento de um robusto *welfare state* nos principais países do capitalismo global (com algum grau de política redistributiva de renda, possibilidade de negociação coletiva mediante o movimento sindical organizado, algum grau de controle sobre capitais e um notável planejamento

econômico) (HARVEY, 2004), não era mais viável ou pelo menos não permitiria ondas sucessivas de reprodução ampliada do capital. A radicalização da disputa eleitoral e a ameaça dos notáveis movimentos contra hegemônicos presentes na arena política global¹⁰ impulsaram o surgimento de uma clara estratégia contra insurgente norte-americana. A eleição de líderes como Thatcher (1979) no Reino Unido e Reagan (1981) nos EUA, junto com a sabotagem e aniquilação da estratégia socialista chilena do Allende (1973) através de uma ditadura militar¹¹, configuraram o quadro político que permitiu o renascimento da velha doutrina do capitalismo desregulamentado.

A queda do muro de Berlim em 1989 e o chamado “fim da história”¹² abriram espaço para as novas promessas de um mundo próspero para todas as nações. No plano ideológico e econômico, o hegemon ergueu e impôs novos credos inspirados em velhas ideias. O mais marcante, principalmente para os países do Sul global, foi o “Consenso de Washington”¹³ (CW). Antes de definirmos o neoliberalismo, resulta interessante refletir sobre a seguinte questão: se, ao longo da história, o desenvolvimento capitalista das nações deu-se com a forte presença do Estado (por exemplo na proteção da indústria) -ao contrário do que pregava o liberalismo clássico para as nações- e, “a idade de ouro do capitalismo” teve como característica notável uma política econômica em direção oposta ao *laissez-faire*, por que os países do Sul global deveriam seguir outra trajetória?

A priori, é possível perceber que o neoliberalismo como projeto, resulta contra intuitivo para países que precisavam superar problemas estruturais que impediam seu desenvolvimento econômico tais como: a dívida externa e os absurdos juros; a miséria, fome e extrema pobreza; a falta de saneamento básico e precarização da saúde; analfabetismo; a falta de desenvolvimento tecnológico; entre outros. O ponto é que, tais problemas, não foram superados ou mitigados pelos países centrais sem a presença de um setor público robusto (inclusive em países de “desenvolvimento tardio” e países de tradição liberal não hegemônicos). Então, por que o neoliberalismo? Segundo Harvey (2004), trata-se de um projeto teórico utópico, que, encarnado num projeto político, objetiva o restabelecimento das condições de acumulação de capital e de restauração do poder das elites. Este segundo objetivo prevalece na prática sobre o primeiro (até porque a economia global não tem conseguido retomar o desempenho dos anteriores ciclos de expansão da “idade dourada”).

¹⁰ Só como um exemplo destes movimentos sociais e políticos podemos mencionar o Black Panthers nos EUA, com iminente horizonte socialista.

¹¹ América Latina foi alvo principal da política contra insurgente e anti-comunista estadunidense, reflexo disto são as diversas ditaduras estabelecidas com apoio do pentágono. Argentina (1976-83), Uruguay (1973-84), Bolívia (1971-78), Perú (1968-80), só para mencionar algumas.

¹² Aqui a referência é sobre as ideias de Fukuyama, que com o fim do fascismo e do socialismo, a humanidade, à época, teria atingido o ponto “culminante” de sua “evolução” com o triunfo da “democracia” liberal “ocidental” sobre todos os demais sistemas e ideologias concorrentes.

¹³ Os pontos essenciais propostos pelo CW são: disciplina fiscal; redução dos gastos públicos; reforma tributária; juros de mercado; câmbio de mercado; abertura comercial; investimento estrangeiro direto, com eliminação de restrições; privatização das estatais; desregulamentação (afrouxamento das leis econômicas e trabalhistas); direito à propriedade intelectual.

Como parte do arsenal ideológico que reuniu o neoliberalismo globalizado, gostaria de destacar o surgimento de uma espécie de “indústria financeira” que encarna elementos como o “humor do mercado” e o “risco país” para exercer uma forma de terrorismo econômico sobre as nações. Da mesma maneira, toda a política econômica gira em torno de satisfazer as necessidades de ânimo do “mercado” (entendido como uma entidade com vida própria) e da geração de condições ideais para a captação de investimento estrangeiro direto (que no caso dos países periféricos é altamente especulativo e de curto prazo), sempre enfatizando aparentes argumentos “técnicos” como a razão PIB/Dívida para justificar o desmonte do Estado.

| 26

Ao mesmo tempo outros fantasmas e mitos rondam o debate público. O primeiro deles que gostaria colocar é o fantasma da “inflação”, baseado na velha crença liberal da teoria quantitativa da moeda e sua versão moderna monetarista, que associa a emissão monetária (e a dívida pública) quase que simetricamente com a inflação. Embora a experiência histórica, e, inclusive, análises empíricas da própria economia mostram o contrário, esse mito continua justificando o minarquismo, a austeridade e a passividade por parte da política econômica. O segundo dos fantasmas é o da “corrupção”, utilizado frequentemente na retórica intransigente de setores conservadores. Frequentemente é colocado como um determinante das crises e problemas político-econômicos do Sul Global. Evidentemente a corrupção é um problema a ser resolvido mas é desonesto colocá-lo como o epicentro quando há tantos determinantes externos e além disso não existe forma mensurável concreta para pelo menos argumentar formal ou “cientificamente” uma relação causal entre corrupção e subdesenvolvimento.

Se sometermos a teste de resultados, o neoliberalismo acabou aprofundando problemas que existem desde a raiz do capitalismo, mas que em outrora pareciam mitigados de forma expressiva. Começando pela desigualdade de renda, a redução expressiva da mobilidade social, enfraquecimento do arranjo político democrático. Um indicador que, considero bastante revelador do quebre dos pactos sociais e possibilidades de saídas articuladas entre classe dominante e classe dominada é a surpreendente queda na taxa de sindicalização da mão de obra a nível mundial (inclusive em países com tradição coordenada como Suécia e Alemanha aos poucos vem se enfraquecendo a organização sindical). Isto, de alguma maneira, submete o poder às camadas detentoras do capital e limita as opções de contestação da ordem por parte dos trabalhadores. Curiosamente, o projeto da modernidade capitalista, lá nos seus primórdios, quando esboçado pelo iluminismo, vislumbrava um futuro prodigioso livre da influência do poderio econômico sobre as decisões políticas, quer dizer, um mundo livre de plutocracia.

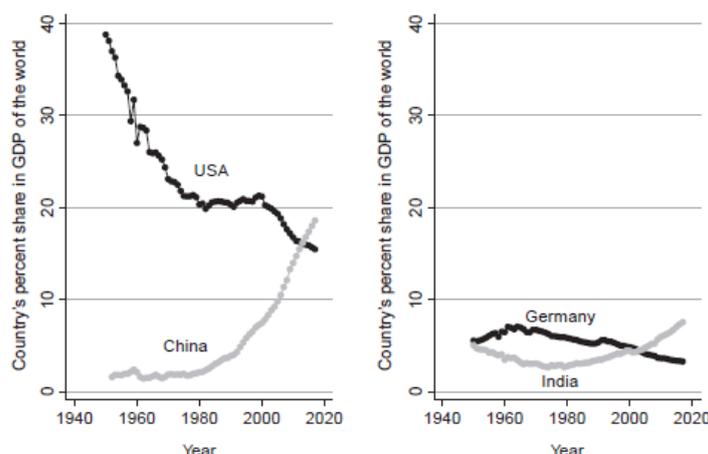
No entanto, o que observamos no capitalismo neoliberal, e isto é bem colocado pelo Milanovic (2019), é um sistema que tende para a “homoplutia” (coincidência de que os maiores ingressos por

capital e trabalho são concentrados nas mesmas pessoas) e a “homogamia” (o casamento e formação familiar entre indivíduos do mesmo nível de ingressos e educação). Por exemplo, no caso Estadunidense é nítido que quem acessa às principais universidades são as pessoas com maior poder econômico, e são estas pessoas formadas nas melhores escolas e universidades as que ocupam os principais postos de mando na política e economia. Obviamente sempre haverá exceções, mas o que Milanovic aponta é uma tendência geral, como normalmente fazemos nas ciências sociais. Seu argumento sobre a tendência plutocrática do mundo pode ser resumido formalmente em que o rendimento ou retorno marginal obtido por cada unidade de bens materiais possuídos por um indivíduo rico é crescente, e, notavelmente maior em termos relativos quando comparados com indivíduos mais pobres.

O Sul global continua na pior situação, discutindo qual o modelo a seguir. No caso Latino-americano, ficaram atrás aqueles dias de “glória” onde se gestaram iniciativas de pensamento próprio, capaz de contestar a ordem mundial e defender os interesses regionais para uma saída conjunta. Podemos dizer que no século XXI, o continente teve um momento de esperança popular, pois diante dos estragos deixados pelo neoliberalismo, surgiu uma nova onda de políticos com pelo menos aparentes intenções de mudar o *status quo*. Mas a reação contra insurgente não demorou para chegar, como no século passado. Esta vez os golpes foram brandos no aspecto material da violência, sem ditaduras militares, mas com artifícios jurídicos e mediáticos que desmontaram os avanços pela procura de novos caminhos distantes do consenso de Washington.

A hierarquia presente no sistema interestatal capitalista é marcada pela luta recorrente pelo domínio de meios e fins da acumulação de capital global. Movimentos históricos foram determinando a posição que ocuparam os países, nos diversos estágios do capitalismo. Em tempos recentes o nosso sistema econômico vem atravessando mudanças importantes, e acredito que a figura 1, com dados levantados pelo Milanovic, ilustra tal consideração. Mais uma vez fica claro como é determinante o papel do Estado no desenvolvimento capitalista, e os resultados dos países a continuação já o demonstram:

Figura 1: Participação percentual do PIB global nos Estados Unidos versus China (esquerda) e Alemanha versus Índia (direita), 1950–2016



Fonte: Milanovic (2019) com dados do Banco Mundial

É evidente que os dois impérios que disputam a hegemonia global possuem uma conformação política-histórica bastante diferenciada. No entanto, a procura pela expansão e o controle sobre a acumulação de capital determinam a convergência fundamental de ambos atores inseridos na dinâmica concorrencial. Longe de dominar ideologicamente, a China ainda não ostenta o título de hegemom, até porque o velho imperialismo ocidental sob o comando americano e seus aliados, conseguiu conquistar corações e mentes. Não é propósito do ensaio conjecturar sobre o futuro econômico do mundo, no entanto, vale a pena destacar esses movimentos recentes. Não seria uma loucura pensar que a China, e sua expansão, consigam inaugurar uma nova onda de como fazer política e governança. Inúmeras são as tentativas estadunidenses por colocar freio no iminente avanço do “Adam Smith em Pequim”, é claro que para os chineses “não importa a cor do gato”. Deixemos nas mãos da história o que acontecerá nas próximas décadas, e apesar de que no longo prazo estaremos todos mortos, talvez nossas futuras gerações presenciaram as grandes transformações que marquem um quebre definitivo de um longo ciclo.

4- Conclusão geral:

A principal conclusão da reflexão é que a história o capitalismo está longe da neutralidade. Trata-se de um sistema fundado, nos seus primórdios, a partir da violência e segregação. A sua expansão foi motivada pela concorrência e disputa de poder e território entre Estados-nações, existindo uma hierarquia que está em constante disputa ao longo da história. Como evidenciado, o sistema é inerentemente instável, com crises decorrentes e a geração de progresso material além de ser desigual é notavelmente distante das projeções e delírios de civilização que os pensadores da modernidade previram. É necessário que a história seja estudada pela sociedade, no geral, fora dos muros da universidade, pois sua compreensão de forma crítica permite desmitificar muitas das

armadilhas que sustentam o status quo atual. Por último, temos um capitalismo neoliberal convulsionado e em fase de transição, a história mostra que isso é um episódio frequente, com janelas de oportunidades para transformações mais ou menos significativas.

Talvez o espaço para a retomada do Estatismo e valores solidários na sociedade ou para a intensificação do individualismo e a consolidação da austeridade. Em linhas gerais, o resultado dependerá da configuração de poder entre classe dominante e classe dominada. Ou dito de outro modo, entre a posição combativa ou conciliadora do decadente *hegemon* e seu bloco e as ações da nova liderança emergente do sistema interestatal e seus aliados neste processo. O fim é o mesmo, controle sobre meios e fins da acumulação.

| 29

REFERENCIAS:

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BEAUD, Michel. **História do capitalismo de 1500 até nossos dias**. Brasiliense, 1987.

GILPIN, R. “Economia política das relações internacionais”. Editora da UNB, 2002.

HARVEY, David. **Novo imperialismo** (O). Edições Loyola, 2004.

_____. **O neoliberalismo: história e implicações**. Loyola, 2008.

MILANOVIC, Branko. **Capitalism, alone: The future of the system that rules the world**. Harvard University Press, 2019.